

## O que pode um signo? Descolonização e sertão: por um novo modo de produzir valor<sup>1</sup>

Marcelise Lima de Assis<sup>2</sup>

Seria a realidade algo em função do signo e assim movida pelo simbólico? Se sim, podemos ressignificar a realidade a partir do signo? Este trabalho objetivou um breve estudo bibliográfico a respeito do signo linguístico *sertão*, abordando aspectos do seu uso como representação de lugar para pensar possíveis modos de transgredir e apontar vias pelas quais possamos ressignificar o signo. Desse modo, com o objetivo de responder tais questionamentos nasce este texto que também é fruto de inquietações pessoais desta que escreve (*sertaneja e nordestina*). Começamos nossas implicações pelo pensamento de Santos, (2015), o qual diz “Perguntar sobre quem é que é isso ou aquilo, sob que condições históricas e políticas recebeu tal e qual significado, sob que artimanhas circula numa dada comunidade linguística (SANTOS, 2015, p. 152).

Desse modo, para pensarmos a condição do estudo de representação de *sertão*, primeiramente cabe entender como ele se constitui a partir da noção de signo. Acreditamos que “a palavra não nasce agarrada à coisa que representa, uma coisa representada pode, além da palavra, ser recoberta de outros signos” (SANTOS, 2015, p. 152). Ao refletir sobre o signo linguístico, nos remetemos ao pensamento de Ferdinand Saussure (2006), para o qual o signo se estrutura em um sistema de representação, composto por dois aspectos separados - o *significante* ou estrutura material, melhor dizendo: ao pensarmos em algo do qual já possuímos conhecimento, como que o som ecoa no cérebro criando uma espécie de imagem acústica referente. Enquanto que o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 02 – Interculturalidade epistêmica e perspectivas decoloniais na América Latina.

<sup>2</sup> Mestranda em Crítica Cultural na UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Endereço eletrônico: [lisy\\_assis@hotmail.com](mailto:lisy_assis@hotmail.com).

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 1, n. 1, 2017.**

*significado* ou estrutura conceitual está ligado à imagem que se cria através do *significante*. Assim se dá o nome, o conceito, o pensamento, e as representações. Ao pensarmos ambos os lados do signo, suas zonas de caracterização, uso histórico, podemos refletir com Saussure (2006) que o sistema sígnico pensado por ele explica e gera os significados dentro dele, fechando o capo na significação das coisas, que em sua maioria não dão conta da totalidade do real, ou melhor, parece haver uma impossibilidade de representação, vez que, ao tentar representar algo, o sujeito levará em seu olhar toda uma marca simbólica pessoal e até coletiva. Não é fácil fugir do simbólico.

Desse modo, para refletirmos sobre o *sertão* como signo que sustenta uma determinada representação, podemos pensar: em um contexto de Brasil, o sertão nordestino por muito tempo e ainda hoje foi/é visto com óticas estereotipadas em relação às outras partes do país, uma pesquisa rápida no *Google*, sobre o signo *sertão* seria um dos mais claros exemplos desta afirmação: seco, terra rachada, crianças chorado, sol escaldante, miséria - desse modo apresentam a imagem do sertão nordestino ao mundo, como algo que, olhando de longe, parece inóspito e improdutivo. Há um jogo simbólico que conseguiu homogeneizar o sertão nordestino nos signos da seca e o que pretendemos pensar está marcado por outro olhar. Ou melhor, o que queremos aqui não é negar a seca e todo problema social do nordeste, nem mesmo culpabilizar outras regiões, mas pontuar o poder violento da representação a partir da noção de signo para visibilizar o que é heterogêneo e que lateja oculto no ceio do que se tornou homogêneo e fechado no discurso da seca.

Se pensarmos nas artes, percebemos que estas possuem papel singular para refletirmos sobre o real, a realidade e a transgressão para além dessas representações que insistem em manter a ideia de sertão nordestino como um lugar quase improprio para a vida. As novelas televisionadas, a própria historiografia do Brasil se faz formadora de uma subjetividade que em sua maioria subalternizou o sertão dentro do país, como pontua Albuquerque (2006), o que, segundo ele, inviabilizou investimentos

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 1, n. 1, 2017.**

governamentais para esta região, visto que, não havia interesses em investir em um lugar no qual nada parecia germinar. Por outro lado, o discurso regionalista que era exposto pela elite nordestina tentava convencer o governo a investir recursos na região, criando a imagem de que a terra era deserta e imprópria para sobrevivência. Desse modo, o conceito de deserto culminou para a criação de um preconceito para com o lugar no imaginário de outros estados, ficando, dessa forma, o Sul do Brasil, como possibilidade de vida para essas pessoas, criando a ideia de Sul/oásis e mais, do rural como atrasado, do urbano como civilizado.

Nomear as coisas é papel do ser humano, sendo assim, ao nomear, o sujeito também atribui valor, valora a coisa a qual nomeia, para isso ele vai precisar caracterizar o signo com base no seu contexto, desse modo ele entra no simbólico, a partir daí, a arte, a literatura, a história a ciências linguísticas e sociais irão pautar seu uso levando em consideração todo o histórico do sógnico, sua construção social etc.

Cabe ainda neste resumo refletirmos historicamente sobre o signo sertão, sobre o cenário e algumas complexidades que envolvem tanto o termo/signo quanto o lugar, o pensamento de Barroso (1962) auxilia entender que as revelações sobre os segredos que envolvem o termo sertão estariam no Dicionário da Língua Bunda de Angola, de onde o vocábulo africano mulcetão teria se transformado em sertão. Barroso (1962, p. 9), em seu estudo etimológico, afirma que “nenhuma palavra é mais ligada à história do Brasil e, sobretudo à do Nordeste do que a palavra SERTÃO”.

Para Ferreira, (2004), o termo sertão chegou até terras nordestinas ainda no período da colonização, quando havia a necessidade de nominar terras distantes dos mares e rios. Nessa linha de pensamento, se pensarmos que a terra e as características atribuídas a ela, em termos geográficos, como no caso de sertão, falam pelas suas populações, podemos pensar que os atributos da terra automaticamente passam para as pessoas residentes nessas regiões, e o sertão, este lugar no qual acreditam que tudo é pouco e limitado, exceto a seca, a ausência, justificando, quem sabe, o preconceito gerado e sustentado da ideia de lugar menor em relação a outras partes ‘desenvolvidas’

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 1, n. 1, 2017.**

do Brasil, entendendo desenvolvimento como urbanização, industrialização, comércio, progresso, civilização etc, visto que, no nordeste/sertão pode se encontrar grupos e modos de ainda inversos aos urbanos.

Se para uma pesquisa no *Google*, lugar onde as coisas sempre atualizam (*internet*) o termo sertão representa um lugar ainda improvado, significa dizer que o signo precisa de estudos, de releitura, e acreditamos que isso será possível a partir da proposta de Mignolo (2008) da descolonização, e em nossa reflexão, a descolonização do signo, o que culminará, quiçá, em uma abertura para que possamos fazer leituras de outras imagens desse sertão, seja pela arte, seja pelo cinema, seja pela pesquisa científica - pautado na desobediência ao modo como o sertão é representado.

Mas de que modo podemos produzir novos valores para o sertão nordestino tendo como foco a linguagem, o signo e sua representação estereotipada? A quiçá de alguma resposta, podemos pensar: descolonizar para romper o entendimento que se tornou tradicional pode ser o ponto de partida para o corte que mostrará as potencialidades do sertão nordestino, indo além da representação da seca, pois como já vimos anteriormente, a coisa representada pode estar ocultando, através dos símbolos, toda uma heterogeneidade que marca o lugar, toda a potência do lugar, sua riqueza na agricultura familiar, nas artes de modo geral, nos mitos etc inviabilizando a potência do sujeito resistente. Descolonizar é questionar o modelo colonial de nominar as coisas. Se com a colonização o termo sertão foi usado para nominar lugares desertos, há que se posicionar não exatamente contra, mas, ao lado, no sentido de entender que o deserto não representa o sertão de hoje e que se em algum tempo representou, são questões que, como pontuou Albuquerque (2006) giram em torno de investimentos, estrutura e ações sociais.

**Referências bibliográficas:**

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do nordeste: e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2006.

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 1, n. 1, 2017.**

BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Um Longe Perto: Os segredos do sertão da terra*. In: *Léngua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v.3, nº 2, 2004, p. 25-39.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Subjetividade e história*. In. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MINGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Primeiros passos de um crítico cultural*. Salvador: EDUNEB, 2015.

SANTIAGO, Silvano. (Supervisão). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SANTOS, Boaventura dos. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. pp.23-32.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.